[Recensão a] Urbano Espinosa, Calagurris Iulia

Autor(es): Dias, Maria Manuela Alves

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45580>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_28_16

Accessed : 26-Apr-2023 12:27:13

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXVIII

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1989

a pico que parece caracterizar as estruturas do séc. I a. G. Se, em função dos argumentos, são legítimas algumas dúvidas sobre a cronologia proposta, esta parece pelo menos provável, o que não invalida outra mais baixa para povoados do mesmo tipo, que, nalgumas regiões, parecem ser do séc. I a. G. ou até mesmo contemporâneos daromanização.

A instalação de povoados em cotas baixas, povoados a que alguns chamam «castros agrícolas», parece um fenómeno comum no Noroeste, relacionável com uma estratégia de ocupação das terras baixas dos vales com vista a um aproveitamento dos terrenos de aluvião. Talvez a pastorícia e a pequena agricultura de encosta, praticadas nos povoados elevados, fossem, a partir do séc. III a. C., insuficientes para garantir a sobrevivência de uma população que teria atingido níveis críticos de densidade. Infelizmente, como a autora reconhece, o espólio exumado e as estruturas descobertas não permitem formular uma ideia clara quanto à funcionalidade do povoado do Lago. Pela vizinhança do vale, o castro do Lago parece vocacionado para a exploração agrária; mas seriam os solos de aluvião, no séc. III ou II a. G., mais propícios à agricultura? não seriam antes ocupados por densas matas ribeirinhas que tornariam difícil o arroteamento? O espólio e as estruturas reconhecidas não permitem claramente falar de um castro «agrícola», termo que, aliás, a autora prudentemente evita. As numerosas fossas descobertas não podem ser facilmente interpretadas como silos; mais parecem, pelo menos na maior parte e desde a origem, fossas detriticas.

Seja como for, é óbvio, neste caso pontual, que o nível técnico-económico não era elevado; o carácter singelo e tosco das estruturas tem correspondência na pobreza do espólio exumado, que não inclui objectos de prestígio nem, praticamente, objectos de metal.

A obra relata uma escavação bem conduzida e revela uma invulgar capacidade de relacionar estratigrafias obtidas em desencontrados pontos da estação. A análise cerâmica é levada a extremos de rigor, tanto mais dignos de elogio quanto é certo que a sua pobreza poderia ter desencorajado os estudos tipológicos e estatísticos. O relatório agora apresentado constitui um modelo num país onde as escavações insuficientemente ou nunca relatadas têm constituído a regra.

JORGE DE ALARCÃO

URBANO ESPINOSA, *Calagurris Iulia*, ed. do Colégio Oficial de Aparejadores de la Rioja e do Ayuntamiento de Calahorra, Logroño, 1984, 352 p., il.

Dois anos após a publicação da sua magistral tese de doutoramento, *Debate Agrippa-Mecenas en Dion-Cassio: Respuesta senatorial a la crisis del Imperio Romano en época Severiana* (Madrid, 1982), publicou o Prof. U. Espinosa uma excelente monografia da cidade romana de *Calagurris*.

Conimbriga, 28 (1989), 229-252

Esta monografia abre com um prólogo (p. 7-10), repartindo-se depois por dezasseis capítulos (p. 11-322), aos quais se seguem alguns índices auxiliares de consulta (p. 325-349).

O Cap. 1 trata da formação e configuração do substrato demográfico, tal como o nosso conhecimento no-lo dá à data dos primeiros contactos com os romanos. É um capítulo muito bem informado, que demonstra bem as grandes qualidades de síntese histórica do A. que, contudo, reconhece não dispensar um mais completo ensaio monográfico da proto-história da região.

A conquista da cidade, e o reflexo nela da política interna de Roma, nos finais do séc. I a. C., que, a nível peninsular local, levaram à destruição de *Calagurris* por Pompeu; o papel da cidade na recuperação da região para o partido de César e o processo de latinização que, certamente, desempenharam os militares dela recrutados, e de que a guarda calagurritana de Octávio foi o mais flagrante testemunho, ocupam os Cap. 2 e 3. É de realçar, na valoração das fontes históricas deste período, o esforço feito pelo A. no sentido do seu entendimento em função da posição política a que aderiram os diversos autores clássicos, num período em que não havia lugar para a indiferença política, e que se vai necessariamente reflectir nas referências a esta cidade que tomou posição em favor de Sertório. A introdução desta exegese historiográfica relativa à ideologia, ou simplesmente ao pensamento político, dos autores clássicos, revela aquela preocupação de rigor, seriedade e consciência profissional que muito poucas vezes temos encontrado nos grandes trabalhos de história peninsular e, muito menos, nas monografias locais.

Os Caps. 4 e 5 ocupam-se da época de Augusto e da fundação do município, da vida social e política, relacionando-as com o território que a envolve e, ainda, com a própria dinâmica da história política do estado romano.

Os Caps. 6, 7 e 8 ocupam-se do estudo da cidade no Alto-Império. Pela sua leitura, observamos que a importância dada à figura de Augusto, enquanto patrono da cidade, vai introduzir, simultaneamente o tema do patronato e o das relações entre o poder central e o poder local que terão, nos finais do séc. I d. C. e no séc. II, as suas mais significativas expressões com a importância que certamente teriam tido *Q. Glitius Atilius Agricola* e *T. Iulius Maximus Manlianus*; as vantagens que os Calagurritanos podiam esperar dos seus patronos são o último tema tratado no Cap. 8; no Cap. 7, o A. ocupa-se de Quintiliano, não só enquanto pedagogo, mas também como expoente das relações que ligavam as elites locais a Roma.

O Cap. 9 ocupa-se da crise do século III e da restauração do Baixo- Império, temas que o A. trata segundo uma perspectiva tradicional, admitindo contudo a tese de invasões bárbaras (em dois momentos), como propôs M. Tarradell, face às quais são os vestígios do apressado amuralhamento defensivo de que a cidade necessitou a prova mais evidente, amuralhamento que deixou de fora, sem defesa, boa parte da antiga área urbana. Na reorganização administrativa do séc. IV, a política de recuperação económica que favorecia a aristocracia rural, é para o A., uma das causas que contribuem para a decadência dos núcleos urbanos, nomeadamente para *Calagurris*, e de

que temos ecos na correspondência entre Ausônio e Paulino de Nola; mas, pese embora a redução do perímetro urbano, e o abandono dos dois aquedutos que serviam a cidade, o A. crê na sobrevivência, acomodada, da aristocracia local que, embora com menos pujança que a do séc. TI, conseguia ainda manter a cidade como um ponto de referência essencial no povoamento do curso médio interior do alto-Ebro, o qual, por toda a época baixo-imperial, vemos semeado de explorações agrícolas com as suas *villae* rústicas.

Seguem-se três capítulos que nos introduzem nas ideologias dominantes deste período cronológico, evidentemente com uma aproximação clara e sólida à *Calagurris* cristã, desde a implantação da nova religião até à sua consolidação institucional como sede de bispado. Também agora, e tal como o fizera anteriormente quanto a Quintiliano, o A. dedica todo um capítulo, o Gap. 11, a Prudêncio, outro Calagurritano, que desenvolveu, como se sabe, uma pujante actividade literária ao serviço dos novos ideais.

No Gap. 13, a história política é retomada para nos descrever os tempos que decorrem entre as invasões bárbaras e o estabelecimento do reino visigótico de Toledo.

No capítulo seguinte, «O caso do bispo Silvano», a propósito da actuação deste, abordam-se os problemas que, à data, se punham no que diz respeito à disciplina eclesiástica e à criação do território diocesano de Calahorra.

Uma avaliação da situação da região de *Calagurris* no Baixo-Império, sob a perspectiva da continuidade e da descontinuidade do processo da romanidade, é do que se ocupa o Gap. 15, onde, ponderando sobre estas duas tendências do comportamento sócio-cultural, o A. admite que apesar das invasões e da revolta bagáudica, a continuidade foi mantida, e os *honorati* e *possessores* que apoiaram Silvano, mantendo-se como aristocracia, são, conjuntamente com o episcopado local, ainda os que melhor representam a romanidade ocidental nesta região.

O Gap. 16 encerra este livro já com o novo papel de Calahorra, agora como cidade eminentemente estratégica, sob o domínio do reino godo.

É evidente que, para cada um dos períodos de tempo que aborda, o A. dispõe de fontes históricas muito díspares, e se há temas muito bem documentados nas fontes escritas, outros há em que o recurso aos dados arqueológicos é o único tipo de informação disponível, e acontecendo isto numa região em relação à qual parece não existir grande unanimidade de opiniões entre os diversos autores que dela se ocuparam; assim, a sua perspetivação histórica, que aliás não deixa de lado os dados arqueológicos (mas que também não faz da sua enunciação um rol de erudição a despropósito, isto é, totalmente não significativo), passa pela escolha dos temas condutores de cada um desses períodos de tempo, sem perda de significado, por redução a lugares comuns, de toda a massa documental, antes ela suporta toda a síntese, onde surgem novos enquadramentos historicamente admissíveis, novos problemas e onde se ‘recriam’ panorâmicas explicativas aceitáveis.

De facto, é o processo histórico da região o autêntico protagonista deste livro, sendo a documentação arqueológica largamente utilizada como sua

evidência. Assim, desde logo, a Iberização da região é focada na perspectiva do ‘encontro* entre a tradição cultural continental e a mediterrânica, tendo como consequência, no panorama urbano, o desaparecimento de muitos povoados e o agigantamento dos que sobreviveram, com o consequente aumento da sua área urbana e de influência, caso flagrante da própria *Calagurris*; este processo de crescimento e concentração populacional teria sido, para os romanos, mesmo depois da conquista, e como recorda o A., uma das ameaças à efectivação e à perpetuação do seu domínio, assim se vendo que, nos tratados de paz, a proibição de crescimento das cidades era, tal como a da construção de muralhas, uma preocupação constante dos interesses de Roma. Por outro lado, todo o processo de Iberização, enquanto processo de aproximação às culturas mediterrânicas, veio facilitar a dominação romana.

Apesar de este livro ser apenas uma síntese de história local, o A. não deixou de fazer, no que se refere, por exemplo, ao papel dos patronos da cidade, alguns ensaios de explicação do que teria sido, em pormenor, a sua actuação, propondo mesmo, no âmbito de uma preocupação já anteriormente anunciada, a das interconexões do poder central e do poder local, o estudo das relações possíveis entre o exercício do patronato de *Calagurris* e a função de legado jurídico da Hispânia Citerior.

O princípio teórico subjacente à estrutura e ao discurso historiográfico deste livro de U. Espinosa, vem explicitado na seguinte afirmação sua, p. 18: «Si los problemas sólo cobran plena significación situados en perspectivas históricas generales, a la inversa será legítimo descubrir las líneas básicas del acontecer general en el estrictamente local».

MARÍA MANUELA ALVES DIAS

RAFAEL ATENCIA PÁEZ, *La ciudad romana de Singilia Barba (Antequera — Málaga)*, ed. da Diputación Provincial de Málaga, Málaga, 1988, 182 p., il.

Rafael Atencia Páez, jovem docente da Universidad de Málaga, dera-nos em 1981, em colaboração com Encarnación Serrano Ramos, as *Inscripciones latinas del Museo de Málaga*, uma publicação cuidada e de muito boa apresentação, que é, sem dúvida, um útil instrumento de trabalho para todos os epigrafistas peninsulares; nesta sua nova publicação, que nos é apresentada num piólogo de Pedro Rodríguez Oliva (p. 9-23), depois da introdução (p. 25-30), onde nos dá um enquadramento geográfico da região, em que outrora se implantara a antiga cidade, previne o leitor que será exactamente a área da cidade que o ocupará, deixando propositadamente de fora tudo o que diz respeito ao *ager singiliensis*, e, seguidamente procura inventariar os vestígios arqueológicos de *Singilia Barba* (Gap. I, p. 31-114) e, também, traçar o panorama do que tei ia sido a história desta cidade da Bética até à dominação árabe (Cap. II, p. 115-181).

Conimbriga, 28 (1989), 229-252